



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UnB PLANALTINA

JÉSSICA FAZOLO CALIMAN

CARACTERIZAÇÃO DO POTENCIAL AGRÍCOLA DA REGIÃO RURAL DE
PLANLATINA/DF: EXPLORANDO O SISATER

PLANALTINA-DF

2013

JÉSSICA FAZOLO CALIMAN

CARACTERIZAÇÃO DO POTENCIAL AGRÍCOLA DA REGIÃO RURAL DE
PLANLATINA/DF: EXPLORANDO O SISATER

Relatório final apresentado ao curso de Gestão do Agronegócio, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão do Agronegócio.

Orientador: Ana Claudia Farranha

PLANALTINA-DF

2013

AGRADECIMENTOS

A Deus pela coragem que sempre pedi e que sempre fui atendida.

Aos meus pais pelo incentivo, pelo apoio total, pelo companheirismo, por toda a confiança e por todos os esforços a mim dirigidos.

Ao meu irmão que sei que me guia todos os dias, e me protege contra qualquer fraqueza que eu possa cair.

A minha irmã que é o principal motivo pelo qual eu luto sempre.

Aos meus familiares, pelo apoio e incentivo.

A minha orientadora Ana Claudia pela sua paciência e generosidade ao aceitar a orientação.

Aos meus colegas de EMATER-DF, Rodrigo, Regina, Maísa, Amanda, Maia, Flávio, Sedna, Severino e Rogério, pelo apoio, amizade, compreensão e paciência.

Aos meus amigos que me acompanharam durante o decorrer do curso, pela amizade, pelos momentos alegres, pelo companheirismo, incentivo e compreensão.

Aos colegas de turma pelos momentos inesquecíveis que vivemos durante o curso.

RESUMO

A área rural de Planaltina era um conjunto de grandes fazendas, que com a criação de Brasília foram desapropriadas para se tornarem núcleos rurais. O objetivo dessas propriedades era serem produtoras de alimentos para a população que habitaria a nova capital. Com apoio da EMATER DF, esses produtores se especializaram e se tornaram grandes produtores de alimentos. Através do SISATER, sistema de obtenção de dados utilizado pelos extensionistas da EMATER, é possível coletar os dados de cada uma das regiões rurais de Planaltina, e partir disso, gerar informações que determinem as principais características dessas regiões. Tendo em vista a grande quantidade de núcleos rurais que compõem o perímetro de Planaltina, percebe-se a presença de uma diversidade grande de potenciais. Existem áreas que tornaram-se destaque na produção e de grãos, e outras na produção de olerícolas. De modo geral, o potencial agrícola de Planaltina é bastante promissor e vem se tornando cada vez mais.

Palavras-chaves: Área rural; Produção Agrícola; Planaltina; EMATER;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
1.1 HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO.....	08
1.2 SISATER.....	10
1.3 CARACTERIZAÇÃO DE PLANALTINA/DF.....	10
1.4 OBJETIVO.....	11
2. JUSTIFICATIVA.....	12
3. METODOLOGIA.....	12
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
4.1 CONTEXTO AGRÁRIO NO PAÍS E A CRIAÇÃO DE BRASÍLIA.....	13
4.2 ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL: O PAPEL DA ATER NO BRASIL	13
5. DADOS COLETADOS.....	19
5.1 UNIDADE EMATER NO NÚCLEO RURAL RIO PRETO.....	19
5.1.1 NÚCLEO RURAL RIO PRETO.....	20
5.1.2 NÚCLEO RURAL CURRAL QUEIMADO.....	22
5.1.3 RIACHO DAS PEDRAS.....	22
5.1.4 SÃO GONÇALO.....	23
5.1.5 COLÔNIA AGRÍCOLA SÃO JOSÉ.....	23
5.2 UNIDADE EMATER NO NÚCLEO RURAL TABATINGA.....	24
5.2.1 NÚCLEO RURAL TABATINGA.....	25

5.2.2 COLÔNIA AGRÍCOLA ESTANISLAU.....	26
5.2.3 COMUNIDADE BARRA ALTA.....	26
5.3 UNIDADE EMATER NO NÚCLEO RURAL TAQUARA.....	27
5.3.1 NÚCLEO RURAL TAQUARA.....	27
5.4 UNIDADE EMATER NO NÚCLEO RURAL PIPIRIPAU.....	28
5.4.1 NÚCLEO RURAL PIPIRIPAU.....	28
5.4.2 ASSENTAMENTO FAZENDA LARGA	29
5.4.3 ASSENTAMENTO OZIEL ALVES III.....	29
5.5 UNIDADE EMATER EM PLANALTINA, DF.....	30
5.5.1 NÚCLEO RURAL SANTOS DUMONT.....	30
5.5.2 NÚCLEO RURAL RAJADINHA	31
5.5.3 NÚCLEO RURAL CÓRREGO DO ATOLEIRO.....	32
6. DISCUSSÃO.....	32
7. CONCLUSÃO.....	35
8. BIBLIOGRAFIA.....	36

1. INTRODUÇÃO

Esse relatório resulta do estágio supervisionado, no qual foram desenvolvidas as atividades de apoio a EMATER /DF, na unidade do Rio Preto, localizada acerca de 60 km de Brasília, no Núcleo Rural Rio Preto, em Planaltina DF, inscrita no CNPJ 00509612/0001-04, com telefone de contato 61 35011993. Procura-se, nesse texto, discutir aspectos do potencial agrícola da região rural de Planaltina a partir de um sistema de coleta de dados (SISATER).

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal, EMATER, DF, trabalha com um sistema que faz a programação e registro das ações de assistência técnica e extensão rural, o chamado SISATER. Através dele é possível realizar análises dos dados que os usuários (extensionistas) adquirem no seu dia-a-dia.

Através desses dados, é possível relacionar as informações que o SISATER pode fornecer, e assim definir qual o potencial agrícola da região rural de Planaltina, DF. Com o SISATER, os extensionistas rurais acumulam informações que possibilitam acessar vários processos, como a entrada em programas que garantam a aquisição de financiamentos, entre outros. O programa traz a facilidade de poder lidar com as informações necessárias para caracterizar determinada área e até mesmo comunidade.

No SISATER, podemos analisar variáveis que levam a definição do potencial de áreas específicas, como no caso, na área rural de Planaltina. Em Planaltina estabeleceram-se cinco escritórios da EMATER, nos núcleos rurais de Tabatinga, Rio Preto, Taquara e Pipiripau, e outro no centro da cidade. Estes escritórios são responsáveis pela assistência técnica rural de toda a área. E em cada escritório é possível analisar as variáveis que nos levaram a caracterizar os locais. Tais variáveis referem-se ao tipo de produção das propriedades, o tamanho médio das chácaras ou fazendas, e algumas características demográficas e regionais dos produtores rurais.

Privilegiou-se trabalhar com as seguintes variáveis: produção que se destaca em maioria (grãos, olerícolas), tamanho médio das propriedades, se é caracterizada como pequena, média ou grande, e características demográficas e regionais dos agricultores e população daquela área. Com isso objetiva-se ter um perfil que possibilite as análises descritas nos objetivos desse relatório.

Este relatório está organizado na seguinte seqüência:

- Histórico e caracterização da EMATER;
- Caracterização do SISATER;
- Caracterização de Planaltina, DF;
- Objetivos;
- Justificativa;
- Metodologia;
- Referencial Teórico, conteúdo o contexto agrário no país e a criação de Brasília, e o papel da Assistência Técnica e Extensão Rural no Brasil.
- Dados coletados de cada núcleo rural que pertence ao perímetro de Planaltina, DF;
- Discussão e;
- Conclusão.

1.1 HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO

Com a expansão agrícola ocasionada pela Revolução Verde, na década de 1970 foi criada a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (EMATER-DF), que tem o objetivo de planejar, coordenar e executar programas de assistência técnica, econômica e social, para o aumento da produção e da produtividade agropecuária e a melhoria das condições de vida do homem no meio rural. A EMATER-DF foi instituída pelo Decreto nº 4.140 de 07 de abril de 1978, de acordo com autorização da Lei nº 6.500, de 07 de dezembro de 1977. (MATSUURA, 2008, pag 26)

A EMATER-DF começou com o objetivo de tornar o Distrito Federal um pólo produtor de alimentos. Inicialmente suas instalações eram pequenas devido a pouca área que a mesma atendia, e também por se tratar do início das atividades agropecuárias no Distrito Federal. Contavam apenas com a direção da empresa, assessores e especialistas e o operacional, ou técnico, ou seja, Engenheiros Agrônomos, Médicos-Veterinários e Técnicos Agrícolas, acomodados em um escritório central e cinco escritórios locais. (MATSUURA, 2008, pag 30)

Com o encaminhamento das atividades da EMATER, deu-se início a atuação na área de economia doméstica, que visava profissionais que desenvolvessem programas de educação sanitária e alimentar, ações educativas na área da saúde, alimentação,

saneamento, trabalho em hortas domésticas, conservas caseiras, organização de grupos de jovens dentre outros. (MATSUURA, 2008, pag 38)

No início da década de 1990, a EMATER-DF começou a contar com o apoio financeiro do Governo do Distrito Federal (GDF). Com recursos provenientes do GDF, e de convênios com organismos internacionais, a EMATER-DF conseguiu aumentar sua área e forma de atendimento. (MATSUURA, 2008, pag 27)

A partir de 2000, a EMATER-DF percebeu um segmento crescente no setor, a demanda por produtos ecologicamente sustentáveis cada vez maior começou a chamar atenção dos técnicos, como uma nova oportunidade de crescimento econômico para os produtores. A Empresa que já trabalhava com agricultura orgânica, passou a ampliar o atendimento aos produtores que adotaram esse padrão. Com essa iniciativa, a EMATER DF também arranhou apoios a esse novo mercado, como o surgimento do mercado de produtos orgânicos. Começou também a coordenar o Plano de Desenvolvimento Rural do Distrito Federal e Entorno – PRORURAL-DF/Ride. (MATSUURA, 2008, pag 45)

A EMATER-DF também promove iniciativas com as ações comunitárias, como o acesso da população da área rural aos serviços sociais e assistenciais nas áreas de previdência, educação, saneamento, higiene, direito civil, extensão rural, meio ambiente e lazer, além de formação técnica e de cidadania. (MATSUURA, 2008, pag 46)

Atualmente a EMATER-DF conta com 16 Gerências Locais: Alexandre de Gusmão, Brasília, Brazlândia, Ceilândia, Gama, Jardim, PAD-DF, Paranoá, Pípiripau, Planaltina, Rio Preto, São Sebastião, Sobradinho, Tabatinga, Taquara e Vargem Bonita, duas Gerências Regionais: Leste e Oeste, um Centro de Treinamento, e um escritório Central. (MATSUURA, 2008, pag 51)

A unidade da EMATER localizada no Núcleo Rural Rio Preto, local onde foi realizado o estágio que levou a este relatório, foi instalado em 1979 junto com os demais escritórios pioneiros da empresa. O prédio é um antigo escritório da extinta Fundação Zoobotânica do DF construído em 1968 que atendia às demandas dos primeiros produtores rurais que vieram habitar a região, principalmente para resolverem seus problemas fundiários e de ligação com diversas repartições públicas.

Durante esse início muitas equipes técnico-administrativas passaram pelo escritório, marcando presença ao acentuar seus conhecimentos e inclinações particulares junto aos

produtores rurais, pela sua adaptação e divulgação das diversas políticas governamentais e principalmente pelo apoio aos anseios dos produtores e suas famílias.

Hoje, com o apoio da EMATER local, o Rio Preto é uma região de destaque na agricultura, com altíssimas produtividades nas culturas temporárias (soja, milho, feijão, algodão, trigo, sorgo, olerícolas, etc.) e em culturas perenes (café, citros, eucaliptos, etc.). A apicultura com o maior número de colméias do DF, a ovinocultura e a pecuária leiteira, como também o grande estímulo dado à floricultura em geral. A missão da organização é:

“Promover o desenvolvimento rural sustentável e a segurança alimentar, por meio de Assistência Técnica e Extensão Rural de excelência em benefício da Sociedade do Distrito Federal e Entorno.” (EMATER-DF, 2013, pag 52)

1.2 SISATER

O SISATER é um programa utilizado pelos extensionistas da EMATER, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal, para armazenar as informações que estes profissionais colhem em seu dia-a-dia. O acompanhamento através do SISATER facilita o trabalho desses profissionais, onde a maioria das propriedades é longe e de difícil acesso, o profissional da EMATER já tem as informações necessárias que estão armazenadas no sistema.

Nele também é possível extrair relatórios das propriedades que resumem as atividades principais das mesmas, assim como dados dos proprietários, dentre outras informações. O usuário do SISATER pode escolher qual variável irá analisar: se é através da localidade em que reside o proprietário, ou pelo tipo propriedade, pelo tipo de produção, por ser ou não caracterizado agricultor familiar, pelos programas em que está inscrito, pelo tipo de financiamento que já utilizou, ou pelo processo pelo mesmo, e também pelo nome do proprietário.

1.3 CARACTERIZAÇÃO DE PLANALTINA

O Distrito Federal nomeia suas cidades satélites por Regiões Administrativas, Planaltina, a maior e mais antiga delas é denominada Região Administrativa IV. Planaltina completou 154 anos de história, seu início foi cenário da exploração de minas de ouro e esmeralda, anos mais tarde, a cidade recebeu a Pedra Fundamental, marco que determinou que aquela região receberia a capital do Brasil. Tal fato ligou definitivamente a história de Planaltina com a futura Capital Nacional.

Atualmente a cidade tem cerca de 230 mil habitantes, e é a cidade que apresenta um maior número de pessoas que residem em áreas rurais no DF. Planaltina possui a maior área rural do Distrito Federal, são 1.532 km², o que corresponde a 30% de toda área rural do DF. Com características agrícolas, ela se destaca como a maior produtora de produtos olerícolas, fato que se apóia a condição de ser uma cidade que faz fronteira com o estado de Goiás.

A região rural de Planaltina é composta por núcleos rurais, assentamento e por colônias agrícolas, sendo eles: Núcleo Rural Mestre D'Armas, Núcleo Rural Olhos d'Água, Núcleo Rural Santos Dumont, Núcleo Rural Rio Preto, Núcleo Rural Tabatinga, Núcleo Rural Monjolo, Núcleo Rural Rajadinha, Núcleo Rural Pipiripau, Núcleo Rural Taquara, Colônia Agrícola São José, Núcleo Rural Bonsucesso, Assentamento Fazenda Larga, Núcleo Rural Retiro do Meio, Núcleo Rural Córrego do Atoleiro, Núcleo Rural Quintas do Rio Maranhão, Núcleo Rural Quintas do Vale Verde, Núcleo Rural Jardim Morumbí, Núcleo Rural Sarandi, Assentamento Sitio Novo, Núcleo Rural Córrego do Meio e Comunidade Riacho das Pedras.

Segundo a Administração de Planaltina, com a fixação de novos limites territoriais nas Regiões Administrativas, Planaltina perdeu alguns núcleos rurais, como o Boqueirão, Buriti Vermelho, Café Sem Troco, Capão Seco, Cariru, Granja Progressos, Jardim II e Lamarão, que se tornaram territórios rurais para Paranoá e São Sebastião.

1.4 OBJETIVO

Identificar o potencial agrícola da região rural de Planaltina, DF.

Objetivos específicos:

- Analisar essas características, destacando como elas desenham um perfil de agricultor
- Identificar a região que mais se destaca na produção de grãos.
- Identificar a região que mais se destaca na produção de olerícolas.
- Discutir/analisar os dados apresentados pelo Sistema
- Apontar características demográficas e regionais das propriedades e dos produtores na região.

2. JUSTIFICATIVA

O uso do sistema de informações SISATER na EMATER apóia a construção dessa pesquisa. No contato diário com os produtores rurais, os extensionistas lançam dados que podem gerar importantes informações, que ajudam a gerar análises que venham a identificar o potencial agrícola da região rural de Planaltina. Quando tais informações são articuladas entre si, e quando o acesso as demais informações de outros escritórios que fazem parte desta região, podemos definir o potencial da mesma.

A região rural de Planaltina, DF vem se desenvolvendo, e tomando seu lugar como produtor de alimentos. Poucos estudos revelam o que realmente essa região pode oferecer, e essa pesquisa pode vir a caracterizar produção e produtores, fato que ajuda no processo de identificação do espaço em que trabalham, visto que a região rural de todo Distrito Federal é relativamente nova.

3. METODOLOGIA

Considerando os objetivos estabelecidos para realização dessa pesquisa, ela classifica-se como descritiva. Segundo Gil (2002) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.”

Foram utilizadas informações retiradas do sistema de informações SISATER, junto a dinâmica do dia-a-dia adquirida com o período de estagio no escritório da EMATER, e entrevistas com extensionistas funcionários da mesma, classifica-se esta pesquisa como exploratória, onde Gil (2007) afirma que:

“Esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-los mais explicito ou a construir hipótese. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão”.

É importante ressaltar o uso de métodos quantitativos na abordagem dessa pesquisa, onde para alcançar resultados é necessário observar os acontecimentos e registrar tais fatos. Um conhecimento declarado suficientemente preciso não teria sido criado e aplicado sem as noções básicas de contar e medir, seguidas de um propício instrumento matemático para manuseá-las. Em termos de complexidade, quando os fatos detiverem pontos multifacetados, maior deverá ser a atenção dada a sua quantificação, pois algumas atividades são mais

confusas ao serem mensuradas, e também porque “descrições matemáticas excessivamente complicadas são extremamente intratáveis, do ponto de vista de solução, para que tenham algum valor prático”(Minayo 1993, pag 241). Portanto, ao utilizar eventos que serão quantificados, deve-se agir com algum senso de avaliação, para poder mensurar quais são os relevantes.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 CONTEXTO AGRÁRIO NO PAÍS E A CRIAÇÃO DE BRASÍLIA

A questão agrária veio a manifestar importância no país no período posterior a Segunda Guerra. Anterior a esse fato, o agrário no país não era um fator tão importante como é atualmente. Fato que revelou o rural como fator importante para a sociedade foi a grande movimentação do êxodo rural após a década de 1950. Foi aí que teve início a construção de paradigmas teóricos e políticos em prol da reforma agrária.

Paralelo a esse momento, nasce também um discurso baseado na modernização do setor agropecuário, que prevalece até meados da década de 1960, período do Golpe Militar. Essa seria a base do agronegócio, que torna o meio rural como forma de aporte financeiro ao processo de industrialização irrompido entre as décadas de 1930 a 1980.(DELGADO, 2004).

A Revolução Verde trouxe uma modernização técnica e baseou-se no pensamento econômico da agricultura como um meio de desenvolvimento econômico clássico. Esse modelo funcionalista foi constituído baseado no modelo norte-americano de que o setor agropecuário tinha a incumbência de gerar os seguintes fatores: liberar mão-de-obra para a indústria; gerar oferta adequada de alimentos; suprir matérias-primas para indústrias; elevar as exportações agrícolas e transferir renda real para o setor urbano (DELGADO, 2004, p...).

Durante o período do Regime Militar (1965-1982), a “modernização conservadora” tomou força, e o contexto agrícola definiu-se por uma demanda de estreitamento das relações técnicas da agricultura com a indústria, e de ambos com o setor externo. Esse fato fez enrijecer cada vez mais as estruturas básicas da Revolução Verde, que propunha a inserção do nível técnico da mão-de-obra, no nível de mecanização, na utilização de adubos e que traga uma estrutura agrária eficiente, que consiste simplesmente na eficiência atrelada a produtividade por hectare (DELGADO, 2004; DELGADO, 2001).

Um ponto importante que deve ser citado é a materialização deste processo, que é representada pela comercialização de insumos inovadores lançados no mercado, fato que criou uma nova necessidade no setor. Essa necessidade de consumo de fertilizantes, agrotóxicos, corretivos de solo, sementes melhoradas, combustíveis líquidos, etc. Aliado a isso, também nasce a demanda por novas máquinas, como tratores, equipamentos de irrigação, colheitadeiras, etc. Além deste aparato tecnológico, ligou-se a este processo a associação entre a produção primária de alimentos e matérias-primas, e a vários outros ramos industriais. Fato que acaba por vir a se tornar a cerne do agronegócio (DELGADO, 2004).

Com essas mudanças no setor agrícola e a articulação ocorrida em 1967 da União do Sistema Nacional de Crédito Rural conduzem a política agrícola dos institutos por produto. Essa prática preponderante auxilia na firmação das culturas agrícolas latifundiárias, que objetivam uma alta produtividade, e que atualmente é totalmente questionável.

No setor agrícola, a estrutura em que os subsídios estão estruturados torna a produção agrícola uma área onde as forças que atuam sobre ele sejam desiguais. Onde o agente produtor torna-se mercado financeiro, e a forma como os atores sociais acessam os recursos e oportunidades se tornam profundamente assimétricas (DELGADO, 2001; RIGOTTO et al, 2011, p.427).

Esse modelo baseado no pensamento liberal da economia negou que a estrutura fundiária e as relações de trabalho era um problema econômico. Esse domínio trouxe a ligação do êxodo rural para a indústria, sem interferir na produção de alimentos, criação e mercado para indústrias, expansão das exportações e o financiamento de parte da capitalização da economia (DELGADO, 2001; DELGADO 2004).

Após o período do Regime Militar, e da crise da modernização conservadora da agricultura, o tema Reforma Agrária é reavido durante o Primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), exposto com a chegada da Nova República, em 1985 (PINHEIRO et al, 2009).

A Constituição Federal de 1988 ampara o regime jurídico da propriedade agrária, evidenciando a integração entre função social e o próprio direito de propriedade. É

preciso existir meios para seu alcance efetivo (BENINI & BENINI, 2008, SOUZA, 2005).

No decorrer destas fases político-econômicas agrárias, nasceu Brasília. A nova capital nasceu em um debate de campanha eleitoral, que gerou intensa polêmica no parlamento. O período que equivale as suas obras, de outubro de 1956, e a sua inauguração, abril de 1961, foi curto em relação à relevância deste empreendimento. Ela foi planejada e projetada, fruto de uma intervenção consciente da sociedade em seu espaço geográfico. Foi construída baseada em um plano diretor que conduziu sua implantação (BENEVIDES, 1979).

Brasília é tida como a realização mais importante do Governo do Juscelino Kubitschek, interpretada como o objeto mais concreto e reconhecível de toda qualquer proposta (BENEVIDES, 1979; DIAS et al, 1996; PÉBAYLE, 1971). O seu Plano de Metas foi dividido em duas partes principais, os investimentos governamentais em infra-estrutura e energia, e o fomento ao desenvolvimento e modernização do setor secundário. Onde foram concedidos vários tipos de incentivos financeiros e cambiais (BENEVIDES, 1979; DIAS et al, 1996, p50).

O projeto urbanístico de Brasília traçava uma “área rural dirigida”, que daria origem aos núcleos rurais de Brasília. Essas áreas foram delineadas com o objetivo de produzir alimentos, mas que no processo de ocupação do território conferiu a outra dinâmica (PÉBAYLE, 1971).

Antes da necessidade e do processo de interiorização da capital, a região era ocupada por propriedades de pecuária extensiva. A mudança do espaço que seria a área rural do DF, em um espaço que agregaria atividades urbanas, atividades agrícolas e atividades não agrícolas quebrou o padrão programado que do que foi planejado. Espaço esse que visava primordialmente ao abastecimento da capital que nascia, a uma barreira de proteção física do centro a expansão urbana, e também como um “cordão sanitário” protetor (BOTELHO, 2001).

Em 1955, existia no que viria serem destinadas como área do DF, 103 fazendas de criação extensiva de gado. Em seus 5.814 quilômetros quadrados de campos de cerrado, que foram desapropriadas todas as terras adjacentes ao Plano Piloto, e logo após foram realocadas em forma de lotes. Sob regime de concessão de 30 anos, esses lotes foram

redistribuídos para famílias que apresentassem experiência agrícola comprovada. (PÉBAYLE, 1971).

O tamanho desses lotes foi definido de acordo com sua proximidade do centro, e com o tipo de produção. Lotes que variavam de cinco a dez hectares seriam os mais próximos do Plano Piloto, e seriam destinados a produção de hortaliças. Lotes maiores com cinquenta até cento e vinte hectares estariam em áreas mais afastadas e eram incumbidos de produzir monoculturas, produções de maior porte e também a pecuária. Na zona intermediária, ficaria os lotes entre vinte e cinquenta hectares, também destinados a produção de alimentos (PÉBAYLE, 1971; BOTELHO, 2001, p.11).

Ao comparar aquilo que foi planejado com o real resultado das transformações chega-se a pontos que são imprescindíveis a formulação de políticas públicas. A mudança em espaço urbano daquilo que destinada a um espaço rural é fato marcante para o aprofundamento das formas de organização espacial. Com base nas premissas teóricas, esse espaço era planejado para ser rural, onde seu uso era exclusivamente agrícola. Com essas misturas de rural-urbano, Brasília tornou-se dona de características peculiares (BOTELHO, 2001).

O processo que ocorreu a partir da grande especulação e da busca pela apropriação da terra pelo seu valor e não pela sua destinação a ser área rural do DF, foi ponto fundamental por não terem seguido o plano inicial. As atividades exercidas no meio rural tiveram de competir com o constante aumento da sua valorização, no processo de especulação imobiliária que ocorria na capital.

Com todo esse processo, o plano inicial para as áreas rurais somente encontrou um grande entrave para seu desenvolvimento. As áreas rurais que deveriam atender a determinada expectativa passaram a ter uma utilização mais complexa, onde atividades consideradas urbanizadas são desenvolvidas. Esse processo pode desencadear no futuro uma perda da destinação do campo em sua essência: atividades agropecuárias voltadas para a produção de alimentos para a população (BOTELHO, 2001).

A idéia principal era a elaboração de projetos ou trabalhos que tratavam do desenvolvimento da área rural do DF, e até o ano de 1975 essas tentativas foram frustradas. Somente em 1975 com a criação do PAD-DF, um projeto de assentamento que utilizava o pacote tecnológico da revolução verde, que criava condições para a

instalação de empresários na área, é que se teve um sucesso, ainda que tido como parcial. O programa tinha o objetivo de ocupar grandes extensões do cerrado com o agronegócio moderno, oferecendo terras a produtores da região sul do país (BOTELHO, 2001; CARNEIRO et al, 2012; GHESTI, 2011).

Figueiredo (1982) sintetiza esse processo, considerando a existência de três fases principais no desenvolvimento do DF: a primeira fase foi caracterizada pela distribuição de pequenos loteamentos, estes que seriam destinados aos funcionários públicos ou para população. O segundo período é o de transição que vai desde 1964 até a implantação do PAD-DF, em 1977. No período de transição são destacados dois pontos importantes no plano nacional: fechamento da fronteira agrícola do Paraná e abertura da fronteira agrícola da Amazônia e do Centro-Oeste, nesse período, ocorre uma diferenciação da área rural do DF e são criadas as condições para a entrada direta do capital de fora do DF nas atividades agropecuárias, a saber: a criação de áreas de grandes investimentos, a instalação de agroindústrias, entre outras.

O terceiro período também teve início em 1977, com a implantação do PAD-DF. A ocupação pelos imigrantes sulistas do país, que já eram proprietários de terras, arrendatários, comerciantes e funcionários públicos, possuidores de capital e com comprovada experiência agropecuária anterior. Eram produtores rurais que podiam ser caracterizados como aqueles que vêm na terra uma fonte de lucro, o que correspondia às exigências feitas pelo programa de assentamento (FIGUEIREDO, 1982; BOTELHO, 2001).

O programa de assentamento que foi moldado para o DF tem a finalidade de intensificar a ocupação racional e ordenada das áreas inexploradas ou tida como “improdutivas” do DF (BOTELHO, 2001). Ou seja, o propósito era “capitalizar determinadas áreas”. No documento de implantação do programa, afirma que “a responsabilidade pela não produtividade da área é atribuída aos proprietários que até então lá se encontravam estabelecidos, os quais, em sua grande maioria, são considerados pelos técnicos da secretaria de agricultura como não dotados de espírito empresarial e incapacitados para a exploração sólida e eficaz da terra” (FIGUEIREDO, 1982, p82; BOTELHO, 2001).

Em sua tese Botelho (2001) discorre que os impactos da industrialização da agricultura e o transbordamento do mundo urbano no meio rural, geraram impactos que mudaram e tornaram o rural do DF um meio com características ímpares do restante do país. Pois

no desdobrar dos acontecimentos, os investimentos públicos eram voltados para a infraestrutura física e social. Fato que atraiu muitos imigrantes de diversas regiões do país, esse fluxo gerou um acelerado crescimento populacional que acarreta conseqüências socio-demográficas e territoriais na região, e no DF (BOTELHO, 2001; CARNEIRO et al, 2012).

4.2 ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL: O PAPEL DA ATER NO BRASIL

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), o objetivo dos serviços de assistência técnica e extensão rural (Ater) é melhorar a renda e a qualidade de vida das famílias rurais. (MDA, 2013)

Os serviços Ater no Brasil começaram no final da década de 1940. E é possível identificar diferentes períodos que a ATER enfrentou no decorrer do tempo. É fácil identificar como o período mais tenso quando houve a extinção da Embrater – Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural, em 1990, durante o Governo Collor, sob o amparo do modelo neoliberal de Estado Mínimo. (SILVA, 2002)

Logo após esse fato, conhecimento, informações sobre mercado e tecnologias se tornaram ferramentas cada vez mais escassas no meio rural. Somente em 2003, se deu início um processo de construção de uma política para assistência técnica e extensão rural, capaz de assistir a agricultura familiar, de modo a contribuir para a superação do problema sócio-ambiental corrente no campo e trabalhar para a transição a de agriculturas sustentáveis, bem como articular as demais políticas públicas voltadas ao meio rural. (SILVA, 2002)

A aprimorada ATAER veio com uma análise crítica dos resultados negativos da Revolução Verde e de problemas decorrentes dos estudos dos modelos convencionais de ATER. A Política Nacional de ATER (Pnater) passou a ser ferramenta de uso diário que realmente veio apoiar, de forma decisiva e generosa, na construção de novas formas de desenvolvimento rural e de agricultura que possam ser sustentáveis, e que também possam assegurar uma produção qualificada de alimentos e melhor condição de vida para a população rural e urbana. (SILVA, 2002)

A Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - Pnater foi elaborada em parceria com organizações governamentais e não governamentais de Ater e a sociedade civil organizada. Sendo instituída pelo Governo Federal através da Lei 12.188 de 11 de janeiro de 2010. (MDA, 2013)

Tendo como orientador o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - Pronater, a Pnater foi elaborada a partir dos ideais do desenvolvimento sustentável, incluindo a diversidade de categorias e atividades da agricultura familiar, e considerando elementos como gênero, geração e etnia e o papel das organizações governamentais e não governamentais. (MDA, 2013)

Segundo o Art. 4º da referida Lei (Lei 12.188/2010) são objetivos da Pnater:

Art. 4º São objetivos da Pnater:

- I - promover o desenvolvimento rural sustentável;
- II - apoiar iniciativas econômicas que promovam as potencialidades e vocações regionais e locais;
- III - aumentar a produção, a qualidade e a produtividade das atividades e serviços agropecuários e não agropecuários, inclusive agroextrativistas, florestais e artesanais;
- IV - promover a melhoria da qualidade de vida de seus beneficiários;
- V - assessorar as diversas fases das atividades econômicas, a gestão de negócios, sua organização, a produção, inserção no mercado e abastecimento, observando as peculiaridades das diferentes cadeias produtivas;
- VI - desenvolver ações voltadas ao uso, manejo, proteção, conservação e recuperação dos recursos naturais, dos agroecossistemas e da biodiversidade;
- VII - construir sistemas de produção sustentáveis a partir do conhecimento científico, empírico e tradicional;
- VIII - aumentar a renda do público beneficiário e agregar valor a sua produção;
- IX - apoiar o associativismo e o cooperativismo, bem como a formação de agentes de assistência técnica e extensão rural;
- X - promover o desenvolvimento e a apropriação de inovações tecnológicas e organizativas adequadas ao público beneficiário e a integração deste ao mercado produtivo nacional;
- XI - promover a integração da Ater com a pesquisa, aproximando a produção agrícola e o meio rural do conhecimento científico; e
- XII - contribuir para a expansão do aprendizado e da qualificação profissional e diversificada, apropriada e contextualizada à realidade do meio rural brasileiro (Lei 12.188/10).

5. DADOS COLETADOS

Os dados analisados são advindos da coleta de informações do SISATER, sistema de armazenamento de dados utilizado pela EMATER, de cada um dos cinco escritórios que fazem parte da área rural de Planaltina, além de entrevista indireta com os extensionistas dos respectivos escritórios.

5.1 UNIDADE EMATER NO NÚCLEO RURAL RIO PRETO

O escritório da EMATER no Núcleo Rural Rio Preto foi criado em 1979, como intuito de apoiar os primeiros produtores que se aventuraram em mudar para a região. No início, ele tinha a função de apoiar principalmente a questão fundiária das terras.

Atualmente esse escritório atende ao Núcleo Rural Rio Preto, Núcleo Rural São José, Núcleo Rural Curral Queimado, a gleba denominada São Gonçalo, que pertence ao Núcleo Rural Tabatinga, mas que por proximidade é assistida pelo escritório do Rio Preto, e a gleba denominada Riacho das Pedras, que pertence ao perímetro do Rio Preto.

5.1.1 NÚCLEO RURAL RIO PRETO

O Núcleo Rural Rio Preto é uma região que ocupa uma vasta área de produção agropecuária, e que considera seu ponto central a Sede do Núcleo. Na sede encontra-se atualmente uma infra-estrutura básica de apoio ao produtor rural onde contém um Posto de Saúde Rural, Posto de Saúde Rural, Centro de Ensino Fundamental Rio Preto, Posto da Defesa Sanitária Vegetal e Animal da SEAGRI, a COARP - Cooperativa Agrícola Rio Preto Ltda., a sede da APRORP (Associação dos Produtores Rurais do Rio Preto), o escritório da EMATER DF, o NUTID, que é um Núcleo de Treinamento e Inclusão Digital da Emater local, mercearia, oficina mecânica auto-agrícola, uma borracharia e a Capela Santo Antonio da Igreja Católica. Também 10 residências de funcionários e moradores.

Na região do Rio Preto encontram-se algumas propriedades que detém características alheias, mas que devido a sua representatividade, também são incluídas na comunidade do Rio Preto, que são: Lagoinha (Lotes 59 a 63 do Núcleo Rural Rio Preto), Vereda (Lotes 104/1, 104/2, 105 e 105/1 a 105/7) e Chácaras 90 (Lotes 90 e 90A até 90 E). A característica principal destes locais é a presença de pequenos produtores familiares que se dedicam principalmente à olericultura, floricultura e algumas lavouras de subsistência.

O Rio Preto é caracterizado, principalmente, por propriedades de porte médio, ao se levar em conta a forma única que o rural do DF possui, geralmente com propriedades de 90 hectares. Em sua produção, levamos em conta principalmente sua atuação no plantio de culturas temporárias, milho, soja, feijão e sorgo, olerícolas diversas com destaque para cenoura, beterraba, inhame, tomate e pimentão, floricultura (Flores de vaso e grama), atividades de integração lavoura/pecuária, suinocultura comercial, avicultura comercial, pecuária leiteira e em início de implantação, a ovinocultura.

Na produção de grãos, as culturas temporárias, deve-se levar em conta que o forte da região é o plantio de soja em sequeiro, ou seja, quando a cultura é cultivada sem irrigação, em áreas onde a precipitação anual é inferior a 500 mm. Na safra 2012/2013 a

região contou com cerca de 8.500 hectares destinados a leguminosa, e com a produção total de 320 mil toneladas.

O feijão também é muito cultivado na área. Na safra 2012/013 foram plantados cerca de 3800 hectares de feijão em sequeiro, e 1300 hectares em área irrigada, a produção total ultrapassou 140 mil toneladas, e cerca de cinquenta produtores da região produzem a leguminosa. O milho também merece destaque, pois ocupa boa parte dos campos do Rio Preto, cerca de 4500 hectares foram cultivados nesta safra, com uma produção que chegou a 400 mil toneladas. Nas olerícolas, é interessante citar sua contribuição na produção principalmente de cebola, mandioca e inhame.

A maior parte das propriedades são arrendamentos de áreas públicas ocupadas por produtores familiares que possuem na atividade agropecuária sua principal fonte de renda, o que proporciona uma característica tipicamente rural à região. Nota-se também, que a maior parte dos produtores dessa região é de origem sulista, salvo algumas exceções.

Destacam-se também unidades de agroindústrias, entre elas:

- Um abatedouro de médios animais com fábrica de embutidos (Frigorífico Sabugy), que comercializa principalmente cortes.
- Uma unidade envasadora de leite pasteurizado bovino e caprino, esta unidade processadora (Country Brasil Agropecuária Ltda.) também elabora queijos e iogurte para o mercado de Brasília.
- A Cerealista Imperador localizada ao lado da Sede da COARP e se dedica a comercialização de feijão.
- A Cooperativa Agrícola do Rio Preto é o principal canal de comercialização dos grãos produzidos na região, disponibilizando aos produtores estrutura de limpeza, secagem, armazenamento e comercialização da produção. Possui também uma fábrica de rações totalmente automatizada, mas desde o ano de 2003 funciona apenas para atendimento de alguns cooperados.

Existem 40 pivôs centrais na região do Rio Preto, com uma área total irrigada de aproximadamente 1.985 hectares, direcionados principalmente para a produção das culturas de feijão irrigado, alho, trigo e esporadicamente, batata.

5.1.2 NÚCLEO RURAL CURRAL QUEIMADO

Localizada pouco adiante da Colônia Agrícola São José e com acesso também pela DF 250, a pequena comunidade do Curral Queimado também apresenta as características predominantes da agricultura familiar.

As propriedades são geralmente de posse de famílias tradicionais da comunidade. Essas famílias sobrevivem unicamente do que suas áreas produzem, que geralmente produção de olerícolas e a criação de gado mestiço. Existe a predominância de propriedades de até no máximo dez hectares, onde usualmente são cultivados mandioca, limão, repolho, jiló, abobora, milho-verde, pimentão e tomate.

Em suas atividades, os agricultores das áreas do Curral Queimado freqüentemente não utilizam de tecnologias, e fazem uso de um sistema de manejo principiante e limitar, como o pousio, áreas em que os agricultores mantêm em “descanso” por determinados período de tempo, e o uso de alguns produtos naturais para combate a pragas e doenças, que permitiram que o meio ambiente se mantivesse com boas características de preservação até atualmente.

A comunidade do Curral Queimado também conta com uma Associação dos Pequenos Produtores Agricultores do Curral Queimado que favorece os agricultores ao fornecer a eles um trator agrícola equipado, cedido pela Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Distrito Federal. Os agricultores da região do Curral Queimado sabem lidar com a tecnologia de produção de olerícolas, embora as vezes lidem com alguns erros que freqüentemente são corrigidos pela ação da ATER no local. Existe também na área do Curral Queimado a presença de alguns produtores rurais que fogem das características já citadas, são produtores que trabalham com tecnologias mais avançadas, e que geralmente produzem grãos, ou dedicando-se à produção de aves em sistema de integração e criação de gado. Essas propriedades se estreitam na área pertencente ao Curral Queimado, até fazerem divida com os córregos do Baú e São José, considerados os limites da Colônia Agrícola São José.

5.1.3 RIACHO DAS PEDRAS

A comunidade do Riacho das Pedras é localizada entre o Núcleo Rural Rio Preto e a Colônia Agrícola São José. A região apresenta as mesmas características gerais que a comunidade Rio Preto, pois a mesma faz parte deste. Não há um centro administrativo (Núcleo Rural) e os moradores utilizam as estruturas do Núcleo Rural Rio Preto e da Colônia Agrícola São José.

A produção principal dessa comunidade são as lavouras anuais, ou seja, a produção de grãos, milho, soja, feijão, sorgo, etc. As propriedades são geralmente de 70 a 250 hectares, e destaca-se a produção de alho, que acontece na Fazenda Santa Catarina, onde cerca de 50 hectares são cultivados e tem-se a produção de 500 toneladas por safra colhida.

5.1.4 SÃO GONÇALO

A comunidade do São Gonçalo pertence ao Núcleo Rural Tabatinga, porém pela proximidade, conta com o apoio e assistência da EMATER Rio Preto. Considera-se propriedade com apoio da Unidade do Rio Preto todas às chácaras localizadas à margem esquerda do Córrego São Gonçalo sendo que as que se encontram na margem direita são atendidas pela equipe de Tabatinga pela facilidade de acesso às mesmas.

Esta comunidade não tem um centro administrativo próprio e utiliza a estrutura do Núcleo Rural Rio Preto que tem distancia igual a nove quilômetros.

A comunidade conta com propriedades de tamanhos que variam de 30 hectares a 100 hectares, salvo a exceção de uma grande propriedade produtora de grãos que tem cerca de dois mil hectares. A região possui uma fruticultura bastante tecnicada com tangerina ponkan, abacate, limão tahiti e graviola; anualmente são colhidos aproximadamente 250 mil toneladas de abacate, quase dois milhões de toneladas de limão, e mais de 500 mil toneladas de tangerina ponkan. A olericultura é direcionada principalmente para a produção de beterraba, cenoura, inhame e repolho e a produção de lavouras anuais de sequeiro como o milho, soja, feijão, e sorgo.

As principais características da comunidade são as mesmas que as da comunidade Rio Preto, apenas nota-se que há uma presença maior de produtores de origem capixaba vindos da região de Venda Nova do Imigrante e Domingos Martins.

5.1.5 COLÔNIA AGRÍCOLA SÃO JOSÉ

A comunidade da Colônia Agrícola São José está localizada a cerca de vinte quilômetros da Unidade da EMATER Rio Preto. É caracterizada pela grande quantidade de produtores familiares que exploram pequenas áreas de terra com média de três hectares.

Outra característica marcante da região é a continua dificuldade de acesso a água. A localidade apresenta deficiência de água para fins agrícolas, por isso foram perfurados dois poços tubulares profundos para utilização de águas subterrâneas.

Nas 60 propriedades da Colônia Agrícola São José, a produção em geral é para subsistência, e já existem famílias que produzem excedente para venda e, em alguns casos, produção comercial que permite já uma comercialização, mesmo que pequena.

A tecnologia ainda mostra características fortes da agricultura tradicional, na qual vão se inserindo lentamente práticas modernas que nem sempre dão bons resultados, uma vez que alguns requisitos básicos e prévios não são atendidos (por exemplo, o uso de corretivos e fertilizantes sem análise de solo).

A principal produção econômica da comunidade são as olerícolas, que permitiram que vários produtores que antes acabavam trabalhando para outros produtores, pudessem investir em suas propriedades e tirar dela o sustento de suas famílias. A situação de baixo poder aquisitivo das famílias dos produtores, aliado ao alto custo dos insumos modernos fazem com que a produtividade da região seja baixa.

Devido à origem da formação da comunidade, não há uma vocação grupal definida entre os agricultores, mas a tendência é para uma economia baseada na produção de olerícolas com irrigação localizada.

Nessa região, considerada primordialmente como área de agricultura familiar, também existem exceções, que são de algumas propriedades que se estabeleceram em seus limites. Possuem geralmente cerca de 500 hectares, e são produtoras de grãos em geral, soja, milho, feijão, etc.

5.2 UNIDADE EMATER NO NÚCLEO RURAL TABATINGA

Semelhante ao Rio Preto, o escritório da EMATER Tabatinga também foi inaugurado em 1979, para apoiar os produtores rurais que saíram de seus estados para viver no Distrito Federal. Inicialmente os trabalhos eram mais voltados para assuntos fundiários.

O escritório de Tabatinga apóia o Núcleo Rural Tabatinga, a Comunidade Barra Alta, que também faz parte de Tabatinga, e a Colônia Agrícola Estanislau. Com a criação de Brasília, a região que hoje pertence a essas três comunidades, era território de três grandes fazendas criadoras de gado, a Fazenda Várzea Grande, a Fazenda Barra Alta e a Fazenda Boa Vista. Em meados da década de 1970, essas fazendas foram desapropriadas e loteadas, com objetivo de trazer para região produtores rurais com experiência, vindos principalmente do sul do país para produzir alimentos. Até hoje, a escola que atende a comunidade de Tabatinga chama-se Centro Educacional Várzeas.

5.2.1 NÚCLEO RURAL TABATINGA

O Núcleo Rural Tabatinga é localizado a cerca de 30 quilômetros de Planaltina. Em sua sede administrativa conta com um Posto de Saúde, com uma escola, com um recém inaugurado Posto Policial Rural, com um salão comunitário que pertence a Associação de Produtores Rurais de Tabatinga, além de mercadinhos, restaurante e com a Igreja católica.

Tabatinga tem 138 propriedades, e desse total, 130 delas tem de 25 a 75 hectares, e apenas cinco delas tem mais de 100 hectares, essas áreas são chamadas de áreas isoladas, e ocupam espaços que ajudam a fazer o limite da região, são predominantemente produtoras de grãos e utilizam tecnologia de ponta para o mesmo. A produção que mais se destaca é a de grãos em sequeiro, milho, soja e feijão. Na safra 2012/2013 os produtores da região produziram mais de quatro mil e quinhentas toneladas de feijão, mais de 850 mil toneladas de soja e a colheita de milho superou catorze mil toneladas. Tabatinga apresenta alguns produtores entusiastas com a criação de bovinos pra leite e piscicultura, porém a agricultura desponta a frente.

Tabatinga também se destaca na produção de olerícolas, como cenoura, beterraba, couve-flor, mandioca e tomate. Geralmente os produtores dividem suas propriedades no intuito de correr menos riscos, comparado ao que correriam ao cultivar apenas um tipo de produção. Outro cultivo que tem se destacado na região é o de Palmito Pupunha, onde alguns produtores capixabas trazem mudas do Espírito Santo e perceberam que as plantas se adaptaram bem ao clima do Cerrado.

A região de Tabatinga também é caracterizada pela fruticultura crescente nas propriedades. Existem vários pomares de tangerina ponkan, espécie que se destaca na área, e também destaque o aumento da produção de maracujá.

Destacam-se em Tabatinga as unidades de agroindústrias presentes nela, como a fábrica de palmito em conserva Palmitos Altoé, a BASA, conhecida pela produção de rações animais, que comercializadas com a marca BOMGUY e que atualmente também processa alimentos farináceos para consumo humano, a produção de pães e biscoito Della Mama e o laticínio Deleite.

Na área que pertence a Tabatinga existe um baixo número de propriedades ditas como “chácaras de fim de semana”. A EMATER percebeu que com o tempo a região foi se

tornando cada vez mais forte em sua vocação, que é a agricultura, segundo dados, só existe uma propriedade caracterizada como de “fim de semana”.

5.2.2 COLÔNIA AGRÍCOLA ESTANISLAU

A Colônia Agrícola Estanislau fica a cerca de dez quilômetros da sede de Tabatinga. Anteriormente a comunidade tinha uma escola primária, mas esta foi desativa e os alunos foram transferidos para a escola da sede de Tabatinga. Os moradores do Estanislau utilizam toda a infra-estrutura de Tabatinga.

Existe no Estanislau um total de 96 propriedades. Essas propriedades têm basicamente as mesmas características de Tabatinga, mas devemos nos atentar ao fato que na região existe um número maior de áreas isoladas, são treze áreas que possuem mais de cem hectares cada, e como já foi dito, tem predominância nessas áreas a produção de grãos, tanto em sequeiro e irrigado, e utilizam tecnologia de ponta.

Nesta região esta implantada a fábrica de alimento humano Grupo União. O grupo trabalha principalmente com feijão e produtos derivados de milho, e comercializa através da marca Mainha.

Outro fato interessante, é que a região do Estanislau possui mais propriedades com tamanho reduzido, ou seja, de dois a vinte hectares, são cerca de trinta comunidades que podem se caracterizar assim. Nestas áreas são mais intensos os cultivos de milho e mandioca, e também outras olerícolas, como feijão-de-corda, milho-verde, abóbora, entre outros.

5.2.3 COMUNIDADE BARRA ALTA

A comunidade Barra Alta está localizada a cerca de quinze quilômetros de Tabatinga, e conta com apenas uma escola em sua sede, o restante da infra-estrutura de que necessitam, utilizam de Tabatinga. A comunidade Barra Alta faz parte da área do Núcleo Rural Tabatinga, mas devido ao histórico da região, ganha diferenciação por ter sido área da Fazenda Barra Alta, desapropriada em meados de 1970 e loteada em seguida.

A região da Barra Alta tem em sua maioria propriedades menores, como as 26 propriedades que compõem o grupo que tem de dois a vinte hectares. Em seu total, a

Barra Alta tem 40 propriedades, as demais têm de 20 a 75 e tem basicamente as mesmas características produtivas de Tabatinga e Estanislau.

Nas propriedades menores a produção de olerícolas, principalmente mandioca desponta a frente de outros cultivos, porém vem paralelo ao cultivo de abóbora e milho. Como se trata de pequenas propriedades, nessa região há mais incidência de propriedades sem fim produtivo, ou seja, se encaixam na característica de “chácaras de fim de semana”.

5.3 UNIDADE EMATER NO NÚCLEO RURAL TAQUARA

A Unidade da EMATER no Núcleo Rural Taquara atende a 357 propriedades que pertencem a sua área de atuação, que corresponde a todo o espaço denominado Taquara. Dentro desse espaço estão as comunidades Xavier, Jibóia ou Fazenda Retiro do Meio, Capão Rico, Capão Grande e Beira do Pipiripau. Na unidade, tudo isso faz parte e é analisado como Taquara.

5.3.1 NÚCLEO RURAL TAQUARA

O Núcleo Rural Taquara fica a aproximadamente vinte quilômetros do centro de Planaltina, DF. Em sua sede os moradores dessa área rural contam com uma escola de ensino médio, posto de saúde, posto policial, e há também uma agrovila, onde residem mais de duas mil pessoas, principalmente trabalhadores e produtores rurais, em cerca de 190 lotes, e também contam com 30 pequenos empreendedores, comerciantes e prestadores de serviços.

Residem no Núcleo Rural Taquara aproximadamente seis mil pessoas, e dessas, cerca de 500 são produtores que se organizam em seis organizações e uma cooperativa. Em sua grande maioria são familiares, fato que se percebe nas 183 propriedades que tem menos de vinte hectares. Destaca-se também o grande grupo de produtores que produzem olerícolas, são cerca de 450 hectares, que geram mais de 19 mil toneladas por ano e mais de 1200 empregos diretos (EMATER-DF, 2013).

Existe também na área do Taquara muitas propriedades que se encaixam no grupo que tem acima de cem hectares. Essas propriedades geralmente cultivam culturas temporárias, ou seja, soja, milho e feijão. Possui no Núcleo Rural Taquara 62 propriedades com mais de cem hectares. Na safra 2012/2013 foram produzidos 36 mil toneladas de soja, em cerca de dez mil hectares. Para a produção de milho, foram

destinados cerca de três mil hectares onde foram colhidos aproximadamente 50 mil toneladas.

Porém, voltando ao carro chefe da Taquara, na produção de olerícolas destaca-se o cultivo de pimentão, que ocupa 34 hectares em plantio a campo, e 30 hectares em plantio protegido, ou seja, em estufas. Produz-se anualmente uma quantidade aproximada de sete mil toneladas de pimentão.

Outro destaque de sucesso no Núcleo Rural Taquara é a COOTAQUARA. A Cooperativa Agrícola da Taquara foi criada em 2001 pelos produtores da Associação dos horticultores da Taquara e Pípiripau (ASHORT), e nasceu com o objetivo de diminuir os gargalos da comercialização dos produtos, ponto que os produtores da região eram reféns dos baixos preços estipulados pelos atravessadores locais. Hoje conta com 170 cooperados e 50 empregados, sete caminhões, departamento agropecuário com fornecimento de insumos, câmara fria e outros equipamentos.

5.4 UNIDADE EMATER NO NÚCLEO RURAL PÍPIRIPAU

O escritório da EMATER no Núcleo Rural Pípiripau atende a 412 propriedades. Esse número é tão grande, pois o escritório atende a três assentamentos, o Assentamento Fazenda Larga, O Assentamento Oziel Alves III e o Assentamento Cerâmicas Reunidas Dom Bosco. Além desses assentamentos a unidade também atende a toda extensão do Núcleo Rural Pípiripau. A unidade da EMATER foi criada no Núcleo Rural pípiripai a cerca de vinte anos.

5.4.1 NÚCLEO RURAL PÍPIRIPAU

O Núcleo Rural Pípiripau está situado a cerca de vinte quilômetros do centro de Planaltina, DF. A população do local conta com o apoio da infra-estrutura que se tem em sua sede, uma escola de ensino fundamental, posto de saúde e com a EMATER.

Sua área abrange 114 propriedades. Em sua grande maioria são propriedades que se encaixam no grupo que vai de vinte a 75 hectares, essas propriedades são destaque na produção de olerícolas, como pimentão, tomate e cenoura. Destaca-se também a produção de frutíferas, principalmente maracujá, onde alcança uma produtividade que pode chegar a 40 toneladas por hectare, que significa quatro vezes maior que a média nacional, o que torna o local uma vitrine tecnológica do cultivo do maracujá.

Das 26 propriedades que fazem parte do grupo que possui de dois a vinte hectares, é notável a incidência de cultivo protegido, que faz uso de estufas para produzir as hortaliças.

Já as propriedades que possuem mais de cinquenta hectares geralmente produzem grãos, ou também produzem grãos, pois alguns trabalham com os dois, olerícolas e grãos. Há também nas propriedades desse grupo a ocorrência de cultivo de eucaliptos, e também existe uma notável avicultura integrada na região.

5.4.2 ASSENTAMENTO FAZENDA LARGA

A Fazenda Larga teve parte de sua área desapropriada, pois seus proprietários não responderam as taxas que na época eram cobradas. Parte do terreno foi destinado a criação do Assentamento Fazenda Larga, que hoje se tornou 83 chácaras, com em média dois hectares cada.

Os produtores dessa comunidade destacam-se pela produção de olerícolas, o grupo de produtores rurais conquistou um local na Feira do Produtor Rural de Planaltina, DF, para comercializarem seus produtos.

A população do Assentamento Fazenda Larga conta somente com a infra-estrutura que oferece a sede do Núcleo Rural Pípiripau.

Também estão na área da Fazenda Larga 14 propriedades que possuem mais de cem hectares, essas propriedades são denominadas áreas isoladas por não fazerem contato com nenhum rio da região, ou por delimitarem os limites da região. Essas propriedades produzem culturas temporárias e geralmente fazem uso de tecnologias de ponta.

5.4.3 ASSENTAMENTO OZIEL ALVES III

Os produtores rurais do Assentamento Oziel Alves III estão acampados em uma área de cerca de mil hectares desde 2001, que fica às margens da BR 020. São 170 propriedades que tem sete hectares cada. A produção agrícola da área é considerada ainda insipiente pelos extensionistas da EMATER que atendem o Assentamento, geralmente existem pequenas produções de milho, mandioca e algumas lavouras temporárias.

5.5 UNIDADE EMATER EM PLANALTINA, DF

A unidade da EMATER de Planaltina está localizada no centro de Planaltina, próxima a rodoviária da cidade. A unidade atende um total de 1.295 propriedades que pertencem ao perímetro do escritório. Vale ressaltar que mais de 70% desse total de propriedades se encaixam no grupo que vai de dois hectares a vinte hectares.

Além dos núcleos rurais que serão descritos em seguida, faz-se necessário lembrar que existem outros que não serão, pois por sua proximidade com Planaltina, acabaram adquirindo características urbanizadas. Segundo os dados fornecidos pelo SISATER na Unidade da EMATER de Planaltina, a produção agrícola dessas regiões é quase nula. Trata-se das comunidades Bica do DER, Córrego do Arrozal, Jardim Morumbi, Palmeiras, Quintas do Maranhão, Quintas do Vale Verde, Sítio Novo, Núcleo Rural Monjolo, Núcleo Rural Sarandy, Núcleo Rural Bonsucesso, Núcleo Rural Córrego do Meio, Comunidade Larga da Pedra Fundamental, Núcleo Rural Mestre D'Armas e Sítios Agrovale. Geralmente são propriedades com menos de cinco hectares, e que servem de moradia para seus proprietários, lazer nos finais de semana e também locais de eventos. Nessas áreas também estão algumas entidades, que possuem grandes áreas, como o Instituto Federal de Brasília, o antigo Colégio Agrícola, a UPIS, universidade que tem um campus rural na região do Sarandy. Assim como o Assentamento Márcia Cordeiro Leite e Assentamento Pequeno William, que são destaques em produção de alimentos e artesanatos de maneira alternativa.

Apesar de não haver registro no SISATER de produção assídua nessas áreas, pode-se encontrar alguns cultivos, principalmente culturas temporárias, como mandioca e milho, e algumas olerícolas.

5.5.1 NÚCLEO RURAL SANTOS DUMONT

O Núcleo Rural Santos Dumond corresponde a duas áreas no perímetro de Planaltina, o Alto Santos Dumont e o Baixo Santos Dumond.

O alto Santos Dumond fica as margens da DF 250 e conta apenas com uma escola primária em sua sede. O acesso a sua área conta somente com estradas de chão, e não passa no local transporte público, assim a população precisa se deslocar em até cinco quilômetros para poder com o serviço. Estão instaladas também nessa região uma unidade de beneficiamento de sementes de soja da PIONNER e uma fonte de água

mineral. O alto Santos Dumond conta com 49 propriedades, em sua grande maioria tem mais de vinte hectares. Destaca-se na região a presença de granjas de avicultura integrada e criação de ovinos.

Outro destaque da região é a produção de grãos em sequeiro dessas propriedades de tamanho maior. Como os destaques da região, a Fazenda Esplanada, que faz leilão de gado e também utiliza sua área para cultivos de grãos em sequeiro. A empresa Real Engenharia Agropecuária e Mineração além de envazar água mineral, também utiliza seu terreno para produção de grãos.

O baixo Santos Dumond é composto por 83 propriedades que variam de dois a vinte hectares. O Núcleo é servido por um canal de irrigação que alcança todas as propriedades através de seus ramais secundários. Devido a esta característica as atividades predominantes na região são olericultura, fruticultura, floricultura irrigados. Além destas atividades temos também a piscicultura, avicultura e a bovinocultura mista são atividades também desenvolvidas na região.

No período de seca a captação de água para o canal de irrigação do Santos Dumont é feita a montante da captação de água da CAESB para abastecimento da cidade de Planaltina é comum que haja restrição do volume de água para uso na agricultura, fato que força um rodízio no fornecimento de água às propriedades. A Associação dos Usuários do Canal Santos Dumont ajuda a minimizar esse problema com serviços de manutenção ao canal feito pelos produtores. Além da melhoria dos reservatórios, a manutenção feita pelos produtores tem contribuído para reduzir as perdas de água, que reduz a demanda, possibilitando que volumes menores sejam captados sem prejuízos para atividades dos produtores.

5.5.2 NÚCLEO RURAL RAJADINHA

O Núcleo Rural Rajadinha é dividida em três áreas, sendo que apenas uma delas possui características rurais, e que realmente cumpra seu papel de fornecedora de alimentos. Essa região é formada por 117 propriedades, onde 76 dessas têm menos que cinco hectares de terreno. Nessa região formada por pequenos proprietários rurais, é grande a presença de propriedades que se destinam a ser apenas moradia de seus donos, ou usadas para lazer. Em propriedades onde se tem atividades agrícolas, a grande parte cultiva olerícolas de maneira geral, como cenoura, tomate, repolho, entre outras.

Em sua sede, a população conta com uma escola de ensino primário, com o centro comunitário, com uma igreja católica, e com pequenos comércios da região. Nas outras duas áreas denominadas Rajadinha II e Rajadinha III existem uma vila em cada, as duas áreas sofrem com a falta de infra-estrutura, mas é totalmente urbanizada, ou seja, não existe nenhum tipo de produção agropecuária no local, e em toda a região, moram cerca de 2 mil pessoas.

5.5.3 NÚCLEO RURAL CÓRREGO DO ATOLEIRO

O Núcleo Rural Córrego do Atoleiro possui 87 pequenas propriedades em sua área total. Todas essas propriedades possuem em média dez hectares cada. Esse fato é característica da região adjacente a cidade, e que a torna pouco produtiva, visto que muitas propriedades dão usadas apenas como moradia, casa de fim de semana e também para aluguel em eventos.

A comunidade conta com uma escola de nível primário, não possui centro comunitário, e o restante da infra-estrutura básica necessária é acionada na própria cidade de Planaltina.

O SISATER ainda identifica a produção de algumas olerícolas, principalmente mandioca, milho, feijão e abóbora. O principal entrave a produção agrícola na área é a falta de água. O Córrego do Atoleiro que é a principal fonte de água foi tendo seu curso natural prejudicado pelo crescimento desenfreado da cidade, diminuindo assim a oferta do insumo mais importante para a agricultura.

6. DISCUSSÃO

Nas regiões mais afastadas de Planaltina estão às propriedades maiores e que possuem mais características agropecuárias. A cerca de 40 quilômetros de Planaltina, as propriedades tem a media de 50 a 100 hectares por propriedade, logo essa distancia vai diminuindo, aparecem propriedades que variam de dez a trinta hectares, e assim sucessivamente. Porém, o mais importante, é que nesses locais, os produtores rurais mantêm suas características rurais, e cumprem com o papel de produtor de alimentos.

O Núcleo Rural Rio Preto é a área onde existem as propriedades maiores. A principal produção é a de grãos, e faz-se uso de tecnologias de ponta para o mesmo. Existe também nessa área cultivo irrigado, fator mais comum que em outras comunidades. As

comunidades de Tabatinga, Estanislau e Taquara seguem de perto o uso de tecnologia de ponta na produção de grãos, e possuem grande parte de sua área destinada ao cultivo temporário.

Em todas essas áreas que estão mais afastadas como o Rio Preto, existem as chamadas Áreas Isoladas, que são grandes áreas de sequeiro, que ficam longe dos rios ou são usadas como divisa das comunidades. Essas áreas são geralmente produtoras de grãos. Outro fato que submete a produção extensiva de grãos é a presença de grandes propriedades, fato que é bastante presente na região da Taquara, Tabatinga, Estanislau e entorno de Planaltina, onde ainda existem muitas pequenas propriedades produtoras de hortaliças adjacentes a essas áreas maiores produtoras de grãos.

Na produção de olerícolas, o destaque sem dúvida é a região da Taquara. Essa região e alguns produtores do Pípiripau já despontam em todo DF como a principal área produtora de hortaliças. Isso também se deve ao investimento feito à participação dos agricultores em organizações sociais, fato que viabiliza a venda em escala a grandes supermercados, alcançando um preço bom para os produtores, e garantindo mercado assíduo a essa produção.

Um fato que contribui para a produção de hortaliças é que na região os produtores têm acesso à água de maneira relativamente fácil, e não há indícios de escassez nas épocas de seca do ano.

O produto mais cultivado na região da Taquara é o pimentão, que vem seguido do tomate. A qualidade desses produtos é assegurada graças ao investimento no uso de estufas por parte dos agricultores para tais cultivos. A qualidade das hortaliças é visivelmente maior quando cultivadas nesse sistema.

Outra área que possui propriedades de porte menor, e que também vem se destacando na produção de olerícolas é a região da Colônia Agrícola São José. Isso se deve a constante assistência da EMATER na região, que tem desenvolvido projetos de sustentabilidade, como o PAIS, que é um projeto de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável, que visa a implantação de hortas em formato circular em pequenas propriedades rurais, sem o uso de agrotóxicos. Outro projeto apoiado pela EMATER na região é o incentivo a produção de flores e plantas ornamentais principalmente pelas mulheres da região.

Porém, o principal gargalo que impede uma produção maior dos produtores do São José é a constante falta de água que afeta a região, e a dificuldade em chegar às cidades mais próximas, Planaltina e Formosa, GO. Essa distancia faz com que os produtores fiquem dependentes de intermediários que buscam as mercadorias em suas propriedades e acabam por pagar preços baixos a eles.

Existem também áreas com propriedades menores que acabam perdendo um pouco de sua vocação agrícola, como na comunidade da Barra Alta, onde grande parte das propriedades pequenas tornou-se propriedades que não produzem o suficiente para gerar excedentes para a venda.

Nas áreas rurais que estão mais próximas a Planaltina, também há essa perda da vocação agrícola, pois as propriedades passaram a disputar espaço com a cidade, e surgiram novas práticas de usufruir das áreas, como por exemplo, a própria moradia, como lazer nos finais de semana, chácaras que alugam espaço para eventos, entre outros. O que resulta dessa estratificação da terra é a não produção de alimentos. As vezes pode até encontrar algumas produções agropecuárias, mas é raro que essas produções gerem excedentes.

Através do SISATER foi possível avaliar de maneira geral o contexto e o potencial do rural de Planaltina. Porém, o principal problema enfrentado para tal pesquisa foi a desatualização dos dados que contém no sistema. Os trabalhos de ATER realizados pelos extensionistas são feitos de maneira assídua, porém não é comum nos escritórios os profissionais atualizarem quais as áreas e os tipos de cultivos que cada produtor vai plantar em determinado período. Então, o que encontramos em alguns casos, são dados incompletos e que estão ultrapassados, fato que foi o principal entrave para a análise da região rural de Planaltina.

7. CONCLUSÃO

Tendo sido analisado de forma geral, a área rural de Planaltina, a maior e mais agrícola do DF, vem se destacando por regiões que produzem alimentos de qualidade, em grande quantidade e utilizando tecnologias de ponta para o mesmo.

Planaltina mostra-se altamente produtiva nas regiões que estão mais afastadas da cidade. O produtor rural se apresenta cada vez mais ao longo do tempo, como um empresário, que busca o lucro, e que torna sua propriedade uma empresa rentável e principalmente altamente produtiva. Esse fato ocorre principalmente nas propriedades que produzem grãos, soja, milho e feijão.

Logo, nas áreas rurais que fazem limite a cidade, é freqüente a perda da vocação agrícola das propriedades, que são geralmente pequenas. Existem também áreas que se destacam com a produção de olerícolas, que possuem propriedades com tamanho menor, mas que por um motivo ou outro, se especializaram são destaque na produção de diversas culturas.

Por fim, pode-se caracterizar a área rural de Planaltina como uma área de grande potencial agrícola, detentora de várias empresas do ramo, de produtores que investem em sua terra, e numa produção que se destaca pela qualidade e pela produção em escala.

8. BIBLIOGRAFIA

AMARAL, P. S. Análise do processo histórico da ocupação do território da Colônia Agrícola Lamarão no contexto do PAD-DF, sob o olhar da Segurança Alimentar e Nutricional com ênfase na produção agrícola. Orientador: Fernando Ferreira Carneiro. Monografia. Universidade de Brasília, UNB - 2013

BENEVIDES, M. O **Governo Kubitschek – Desenvolvimento e Estabilidade Política**. Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 1979.

BOTELHO, F. B.F. As relações **rural-urbano no Distrito Federal**/ Flavio Borges Botelho Filho. Orientador: José Graziano Silva. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. **Assistência Técnica e Extensão Rural** disponível em: <<http://portal.mda.gov.br/portal/saf/institucional/assistenciatecnicaextensaorural>>. Acesso em 22 out. 2013.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural** disponível em: <<http://portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/assistenciatecnica/2522569>>. Acesso 22 out. 2013.

CARNEIRO, F. F. et al. **Mapeamento de vulnerabilidades socioambientais e de contextos de promoção da saúde ambiental na comunidade rural do Lamarão, Distrito Federal**, 2011. Rev. bras. saúde ocup. [online]. 2012, vol.37, n.125, pp. 143-148. ISSN 0303-7657. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572012000100016>. Acesso em: 21/10/2013

DELGADO, G. C. Capítulo 2 : **Questão Agrária no Brasil, 1950 – 2003**/ Guilherme C. Delgado. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, 2004.

DELGADO, G. C. **Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária**. Estudos Avançados, v. 15, n. 43, p. 157-172, 2001.

DIAS et al. O BNDE e o Plano de Metas — 1956/61 — José Luciano Dias. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) – Fundação Getúlio Vargas. **Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES)**, 1996. 153p

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER-DF sessão Programas prioritários - Programa de Olericultura. Disponível em:<<http://www.emater.df.gov.br/>>. Acesso em:01 nov 2013.

GHESTI, L. V. **Programa de assentamento dirigido do Distrito Federal – PAD/DF: uma realidade que superou o sonho**. Brasília. 2009. Disponível em: <<http://www.coopadf.com.br/padf.php>>. Acesso em: 21 out de 2013.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2007

LEI Nº 12.188, DE 11 DE JANEIRO DE 2010. Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária - PNATER e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária - PRONATER, altera a Lei no 8.666, de 21 de junho de 1993, e dá outras providências.

PINHEIRO, T. M. G. et al. Saúde no campo. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE AMBIENTAL, 1., Brasília, 2009. Caderno de Textos. Brasília: Abrasco Livros, 2009. p. 25-29.

PÉBAYLE, R. “A área rural do Distrito Federal”. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro. 31(1); 39-83, jan-mar, 1971.

RIGOTTO, R et al. **Agrotóxicos, trabalho e saúde: vulnerabilidade e resistência no contexto da modernização agrícola do baixo Jaguaribe/CE**. Co-edição com a Expressão Popular/Raquel Rigotto[organizadora]. – Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SILVA, Argileu Martins da. Política nacional de assistência técnica e extensão rural: avanços e desafios. MDA. 2002

SOUZA, M.R. Imóvel rural, função social e produtividade. Revista da Faculdade de Direito da UFPR, Vol. 43, No 0 (2005).

SOUZA, X. S. de S. O Uso do Método Qualitativo na Análise da Influência dos Movimentos Sociais Urbanos na Produção do Espaço. Revista de Ciências Humanas e Artes. V. 16, n. 1 Universidade Federal de Campina Grande, PB. dez. 2010